

CULTURA

A revista de católicos que acabou no MRPP

Fundada em 1963 por um grupo de católicos progressistas, a revista *O Tempo e o Modo* teve um grande impacto junto de uma jovem geração de intelectuais da oposição que não alinhava com o PCP nem se revia na estética neo-realista. Os seus 130 números podem agora ser integralmente consultados online

Arquívos
Luís Miguel Queirós

O Tempo e o Modo, a revista criada por católicos que abalou o conservadorismo do Portugal dos anos 60 com os seus cadernos que questionavam o casamento ou perguntavam provocatoriamente na capa “Deus o que é?” — e que chegou ao 25 de Abril transformada em órgão informal do MRPP —, acaba de se juntar às muitas publicações portuguesas do século XX já disponíveis no portal Revistas de Ideias e Cultura (<http://ric.silip.pt>)

No novo site agora inaugurado, e que será apresentado hoje à tarde, pelas 18h00, na Fundação Gulbenkian, em Lisboa, o leitor encontra não apenas os 130 números de *O Tempo e o Modo* — contabilizando os já referidos cadernos, que só não eram numerados para escaparem a censura prévia —, mas também uma extensa documentação que nos ajuda a perceber a peculiar história desta revista lançada por António Alcáida Baptista e João Bénard da Costa: manuscritos que testemunham o período de concepção do projecto, cartas, sugestões de rubricas e listas de colaboradores a convidar, os muitos artigos que foram cortados pela censura, um relatório da PIDE, ou ainda uma secção de testemunhos com alguns depoimentos inéditos, com as entrevistas em vídeo de Amadeu Lopes Sabino, que liderou a redacção de *O Tempo e o Modo* no período de transição do final dos anos 60 e do início da década seguinte, e do recém-desaparecido líder histórico do MRPP, Arnaldo Matos, cujo partido assumiu o controle da revista na sua fase final.

Há também uma secção de correspondência, que abre com uma divertida carta que António Alcáida Baptista endereça em 1964 à Censura protestando contra o corte, num número dedicado a Shakespeare, de um trecho de *Hamlet* traduzido por Sophia. “Será por causa da última frase?”, pergunta. É que o ditto exerto acaba-

va assim: “O fantasma avança — Para ó Fát-lo parar Marcelo!”

Como acontece com todas as outras publicações já integradas no portal Revistas de Ideias e Cultura — um projecto coordenado por Luís Andrade e desenvolvido, com a colaboração da Fundação Mário Soares, pelo Seminário Livre de História das Ideias da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa —, esta versão digital de *O Tempo e o Modo* poderá ser lida sequencialmente, mas também consultada com o auxílio de uma rede de oito índices que permite, por exemplo, pesquisar por autores de artigos e por nomes ou obras citados, mas também por conceitos ou assuntos.

Entre os 587 nomes que constam do índice de autores, Bénard da Costa é o que assina mais artigos (71), seguido por Vasco Pulido Valente (63) e Nuno Branagan (56). O site lista os 21 autores mais produtivos, mas a estatística torna-se pouco fiável para os últimos anos da revista, quando a ala maoísta impôs práticas de colectivismo que dispensavam a identificação dos autores. Ainda assim, podem citar-se entre os colaboradores mais assíduos, além do próprio Alcáida Baptista, nomes que vão de Jorge de Sena e Eduardo Lourenço ou José Palla e Carmo a autores das gerações seguintes, como Alberto Vaz da Silva, o poeta e tradutor José Bento, os sociólogos Manuel de Lucena e Luís Salvendy Matos, o cineasta António Pedro Vasconcelos ou o então ministro Nuno Júdice, que assina 21 textos, o último já no número único da malograda terceira série da revista, lançado em 1984.

Já os *tops* de conceitos, assuntos e personalidades dão indicações curiosas, mas devem ser lidos ainda com mais cautela. Basta notar que Marx e Lenin são os nomes com mais ocorrências, e que Estaline e Mao dão lá a John F. Kennedy e Jesus Cristo nos lugares seguintes, um *ranking* que seria bastante mais surpreendente se a revista não tivesse sobrevivido alguns anos à queda da ditadura.

Já a pré-história da revista remonta ao final dos anos 50, quando um conjunto de jovens católicos descontentes com o regime e com a hierarquia da Igreja — João Bénard da Costa, Nuno Branagan, Pedro Tamen, Alberto Vaz da Silva e Mário Murtelira —, que se conheciam da Jurteira Universitária Católica (JUC) e da redacção do seu jornal, *Encontro*, começam a planejar lançar uma publicação cujo modelo mais próximo seria a francesa *Esprit*, fundada nos anos 30 pelo ideólogo do personalismo cristão, Emmanuel Mounier, e então dirigida por Jean-Marie Domenach. Um sonho que só se pôde concretizar quando António Alcáida Baptista se deixou seduzir pelo projecto e decidiu lançar e financiar *O Tempo e o Modo* através da sua editoria, a Moraes, que adquirira alguns anos antes.

Oração de abertura

O primeiro número sai em Janeiro de 1963, com Alcáida Baptista como director e Bénard da Costa como chefe de redacção. Dois dos seus três artigos de fundo são assinados por futuros Presidentes da República: Mário Soares e Jorge Sampaio. Num depoimento publicado no *Diário de Notícias* em 1983, Bénard da Costa recorda que se vivia então a crise aca-

Os ventos de 68 empurraram-nos para tentar abrir a revista às correntes surgidas nessa época: aos ‘maístas’ [do Maio de 68] e aos maoístas

João Bénard da Costa

démica de 1962 e que existia alguma proximidade entre elementos do grupo que se preparava para lançar *O Tempo e o Modo* e dirigentes da luta estudantil, como Manuel Lucena, que passara pela JUC, Jorge Sampaio, Medeiros Ferreira ou Vitor Wengorovius. Mas nem todos aprovavam a ideia de abrir a revista a não crentes, e a questão acabou mesmo por ir a votos. O episódio é conhecido e Bénard conta-o assim: “Antes da votação, um de nós sugeriu que se rezasse uma ave-maria para que o Espírito Santo nos iluminasse: a intervenção divina pendeu para a abertura, por cinco votos a favor e dois contra”.

O primeiro conselho consultivo de *O Tempo e o Modo* incluíra assim, a par do grupo promotor e de outros católicos de esquerda de várias sensibilidades — como Adérito Sédas Nunes ou Orlando de Carvalho —, Mário Soares, Salgado Zenha, Jorge Sampaio e Manuel Lucena, mas também Sotomayor Cardia, então militante clandestino do PCP, que se demitirá na sequência de um artigo em que Alcáida Baptista criticava o extremismo de Fidel Castro. Vasco Pulido Valente junta-se pouco depois e será o secretário da redacção até ao final de 1966, quando deixa a revista, vindo a ser substituído por Helena Vaz da Silva.

Quando este grupo alargado e plural se retine para fazer o balanço do número inaugural, a grande discussão, conta Bénard da Costa, não foi em torno dos textos políticos, mas das contribuições da secção de Artes e Letras, liderada por Alberto Vaz da Silva, e que sempre constituiu uma espécie de núcleo autónomo no interior da redacção. Num contexto cultural marcado, à esquerda, pela hegemonia do neo-realismo, os autores a que esse número inicial dava destaque pareciam a muitos francamente inusitados. Ruy Belo escrevia sobre Herberto Helder, António Ramos Rosa abordava *O Doge* de M. S. Lourenço, e Manuel Poppe atrevia-se a dar visibilidade a uma autora conatada com o regime, Agustina Bessa-Luis, reценсando *O Manto*.



Se a contribuição fundamental de *O Tempo e o Modo* para renovar um ambiente cultural dominado pelos pólos antitéticos do regime e do neo-realismo é hoje amplamente reconhecida, seria apressado deduzir que esse tenha sido, desde o início, um desígnio assumido e consensual. Se também nesse aspecto a revista se constituía como um contraponto à *Seara Nova* e à *Vértice*, então muito próximas do PC — a primeira, com os seus 1604 números, já está também disponível no mesmo portal —, esse papel, mais do que a concretização de um programa prévio, resultou das predilecções estéticas de alguns dos seus responsáveis e do espaço que a revista deu a autores como Eduardo Lourenço, Agustina, Jorge de Sena ou Ruy Belo. O número dedicado a Sena em Abril de 1968 é ainda hoje uma referência.

A primeira grande mudança na revista dá-se com a saída de Alcáida Baptista pelos finais de 1967, embora formalmente se mantenha como director mais algum tempo. Com a Moraes a atravessar dificuldades e *O Tempo e o Modo* a dar prejuízo, propõe-se ceder graciosamente a revista a quem quisesse tomar conta dela. Bénard da Costa assume então a direcção e a revista legaliza a sua passagem para uma sociedade anónima constituída pela equipa da revista e por gente das suas relações.

Bénard constitui uma nova redacção, cuja chefia será assumida pelo jornalista e escritor Amadeu Lopes Sabino. A Nova Série só se inaugurará de facto com o número 73, de Novembro de 1969, mas a revista já anunciara em Janeiro desse ano a advento de uma nova fase, que em bom rigor já então estava em andamento.

“Uma fase marcada pela entrada na redacção de uma série de pessoas ligadas ao movimento estudantil e às agitações que reflectem em Portugal o Maio de 68, e que abrem o *O Tempo e o Modo* a pessoas como o eu, o Fernando Rosas, mais tarde o Arnaldo Matos, o Luís Matos, o Sebastião Lima Rego”, diz Lopes Sabino no seu depoimento. Um grupo, acrescenta, que “vai ser o núcleo central da futura redacção, juntamente com uma pessoa de grande importância neste processo, Jorge Almeida Fernandes, que vinha da anterior redacção”.

Duas gerações

Mas a par destes novos colaboradores, vários dos quais estavam depois



De cima para baixo, António Alcáida Baptista, primeiro director da revista, Arnaldo Matos e João Bénard da Costa

na fundação do MRPP, a redacção acolhe também nomes então mais próximos de um socialismo de esquerda, como Armando Trigo de Abreu, João Cravinho ou João Martins Pereira, “um homem muito firme nas suas convicções”, descreve Lopes Sabino, e que representava um sector da redacção que se opunha com frequência à ala maoísta, que pretendia radicalizar politicamente a revista.

Embora ele próprio tenha estado inicialmente próximo do MRPP, Lopes Sabino afirma ter sempre tentado manter o equilíbrio entre estas duas facções que se opunham cada vez mais claramente no interior de *O Tempo e o Modo*, cuja redacção lidera até 1971, quando é preso pela PIDE. Por essa altura já se incompatibilizava com Bénard da Costa, que se afastara no final de 1970 e fora substituído na direcção por Luís Matos. Tendo em conta a evolução da revista após a sua saída, Amadeu Lopes Sabino afirma que o período em que chefiou a redacção corresponde à verdadeira segunda série, distinguindo-a da fase que se inicia em 1972 e que desembocará no controle absoluto da publicação pelo MRPP e que corresponde já, na prática, a uma terceira série.

A cronologia pessoal de Bénard da Costa no que respeita à revista é um pouco diferente: “Para mim, morrei em 1970, andava eu a fazer um relatório enganado em *O Passado e o Presente*, de Manoel de Oliveira, e em *O Tempo e o Modo* também”, escreve em 1983. E em 2003, numa conferência evocativa de 40 anos da publicação, relata: “Os ventos de 68 empurraram-nos, e empurraram-me particularmente a mim, para tentar abrir a revista às novas correntes surgidas na época, aos ‘maístas’ [do Maio de 68] e aos maoístas, que representavam linhas de pensamento fora das duas ortodoxias: a oficial ou a do PC. Mas esse diálogo que então se preparou e que eu pensei poder ser (...) inquebrado, transformouse, a breve trecho, durante o ano de 1970, num domínio crescente da ala maoísta”.

Um testemunho que, se acentua as crescentes contradições, também sugere que não devemos olhar para essa convivência entre a Bénard da Costa e um Arnaldo Matos à luz do posterior percurso de ambos, mas num momento histórico em que o futuro presidente da Cinemateca não deixaria também de ser, à sua maneira, um radical.

O jornalista do PÚBLICO Jorge Almeida Fernandes, que estivera na fase inicial de *O Tempo e o Modo* e, após um intervalo forçado para fazer a tropa, regressara em 1969, confirma que a redacção se dividia então entre os que queriam “uma revista essencialmente política” e os que a preferiam mais “virada para assuntos de sociedade e civilização”.

Um debate que, aliás, os próprios leitores podiam seguir em detalhe. O n.º 78, de Abril de 1970, abre com o relato circunstanciado de uma mesarredonda promovida na redacção justamente para discutir que caminhos poderia seguir a revista, com intervenções de sete redactores “escoldidos em reunião geral”, entre os quais se contava Bénard da Costa, João Martins Pereira, Jorge Almeida Fernandes e Amadeu Lopes Sabino.

Para Almeida Fernandes, as mudanças que se verificaram-se, já que, argumenta, “com o marxismo e a previsão de uma abertura do regime, estava ultrapassado o conceito inicial de *O Tempo e o Modo*, que nascera em 1963 e fora a revista possível durante o salazarismo”. Mas nem por isso deixa de considerar que “o período mais importante, o que trouxe mais novidade e teve mais impacto, foi o dos primeiros anos”. E o modo como a revista definiu no pós-25 de Abril, acabando por se extinguir em 1977 — mesmo se foi nesse período que atingiu tiragens mais elevadas, na ordem dos 10 e 15 mil exemplares — não o surpreende. “O sentido de *O Tempo e o Modo* é inseparável do antigo regime, e a revista foi tanto mais importante nessa fase inicial em que era muito censurada”.

Luís Andrade preferiu sublinhar que “cada uma das fases de *O Tempo e o Modo* reúne uma das duas gerações da década de 60 — a da crise de 1962 e a da radicalização de 1969 —, pelo que reflectem as transformações políticas, sociais e de gosto que uma e outra trouxeram à realidade nacional”. E se, nos seus últimos números, a revista chegava a apelar na capa ao voto no MRPP, nem por isso subestima a relevância da Nova Série, que constituiu, nota, “o esboço português mais completo da esquerda crítica do marxismo soviético e amigável das novas expressões radicais do pensamento teórico”.

lmqueiros@publico.pt